A GRANDE LUTA

 Nessa madrugada vi a luta de Júlio Cesar Chave e seu cartel é impressionante: agora são 105 lutas, com 101 vitórias (84 por nocaute), duas derrotas e dois empates. O cara foi seis vezes campeão, em seis categorias diferentes!

 O bairro de Pachecos, em São Gonçalo, tem também seu Júlio Cesar. Ao ver a coincidência dos nomes, o magérrimo Julinho resolveu ser "boxer". Incentivado pelos pais, com seus 23 aninhos começou a treinar ferozmente. Achou num baú de sua casa, o par de luvas de que precisava e depois de retirar dele as baratas, passou a ostentar seu achado. Encheu um saco de areia e batia nele o dia todo.

 O presidente da Associação de Moradores e Amigos de Pachecos (AMAPa), viu aí sua promoção visando as próximas eleições para a presidência da Associação. Propôs a Julinho que realizasse uma luta-exibição, gratuita, para os moradores locais. O rapaz topou na hora e a próxima providência foi achar um saco de pancadas para a grande luta. Precisava ser alguém do lugar, mas em quem pudessem bater sem problemas. O escolhido foi o filho de Benedito, o farmacêutico. O menino tinha uns 19 anos, pálido, cheio de espinhas, muito magro e olhar imbecil, herdado do pai. Não lhe contaram que iria apanhar, apenas que faria uma luta-exibição. E ele concordou, com anuência de Benedito.

 A Kombi do Mercadinho Super do Pacheco tinha o único sistema de som do local e o dono do armazém foi convidado a patrocinar o evento, cedendo o equipamento de som do carro para que se anunciasse a luta e durante esta, permitisse ao apresentador (Severino, presidente da AMAPa, é claro), falar dos lutadores e de sua candidatura.

 Evidente que o lugar não possuía estrutura para tal acontecimento, mas foi se improvisando. Usando caixotes vazios de tomate, deitados, fez-se o assoalho e sobre ele se colocou a lona do caminhão de Euzébio, que não gostou da utilização estranha para seu material, mas acabou concordando. Nos quatro cantos formados, foram colocados quatro troncos de árvore, à guisa de "corner" e uma corda foi amarrada em volta da estrutura. Os lutadores não deveria nem chegar perto das cordas, sob pena de queimarem a pele nelas, que eram duras e ásperas.

 Severino (o presidente da AMAPa), lançou um fio sobre uma grande árvore próxima do local do encontro e o desceu até o meio do ringue, onde conectou um microfone a ser usado pelo apresentador. O fio ia até a Kombi com os dois alto-falantes que "irradiariam" até mesmo o ruído dos socos, para os presentes.

 Tudo pronto, todos avisados, o sábado seria de festa. A plateia contava com quase 50 pessoas, incluindo as crianças. Alguns vendedores ambulantes rondavam o local. Foi improvisada uma sineta para marcar o início e o final de cada "round".

 João (o filho de Benedito, o farmacêutico), que era um dos contendores, se postou num dos cantos e só então alguém se lembrou de que faltava um par de luvas.

 Por milagre apareceu alguém com um, que ofereceu ao rapaz, que nunca tinha visto de perto tal apetrecho. Foi ajudado a colocar as luvas e ficou saltitando no seu lado do ringue. Do outro lado, Julinho sorria, antevendo seu sucesso. Severino pegou o microfone e disse um monte de besteiras, falando de asfaltamento, melhorias na rede elétrica, etc. e depois anunciou, imitando os apresentadores de verdade, os dois lutadores. Alguém sugeriu que se cantasse o hino nacional, mas ninguém sabia a letra.

 Severino mandou que puxassem o fio do microfone para que a luta começasse, mas o fio se enroscou na árvore e ninguém se apresentou para subir e soltar. Daí que o microfone ficou no meio do ringue e os lutadores teria que se esquivar dele para lutar. E a luta começou.

 Julinho começou a estudar o adversário e este, que nada entendia de luta mandou um direto na direção de Julinho que muito vivo, se abaixou. Nesse movimento, encontrou o joelho de João. O sangue jorrou de seu nariz, sujando seu queixo, a camisa do flamengo que usava e a lona sobre os caixotes. Interromperam a luta para atender o atleta e para limpar o "encerado" de Euzébio. Cerca de meia hora depois o sangramento diminuíra e durante todo esse tempo, Julinho ficou com gelo colocado sobre o nariz. Depois colocaram uma bandagem e ele voltou para a luta. O outro lutador achou que não podia bater mais no rosto do amigo e passou a olhar para o estômago de Julinho. Esse, muito esperto, notou as intenções de João e se pôs em guarda. João desfechou então um golpe na direção das costelas de Julinho que, esperto, saltou de lado, quebrando só duas. A luta voltou a ser interrompida para atendimento ao rapaz.

 Eu queria pular essa parte, mas preciso contar. É que na hora do soco nas costelas, Julinho se contraiu e soltou um "pum". O microfone captou nitidamente o som e o transmitiu pelos alto-falantes. Tinha gente rolando no chão de tanto rir e João, no ringue, começou a rir também. Mesmo assim, continuou a saltitar e sem querer, soltou também o seu "pum", devidamente retransmitido. As pessoas que estavam rindo, agora íam ao solo, sem conseguir controlar as gargalhadas.

 Julinho foi todo enfaixado para proteger as costelas fraturadas mas voltou a lutar. João ameaçou socar o peito de Julinho e este se abaixou. Era o que o outro queria. João aplicou em Julinho um sonoro murro na nuca que fez com que este fosse ao chão(lona) e toda a estrutura de caixotes desabou com o peso de ambos. O pior é que João ainda tentou se agarrar ao fio do microfone que partiu o galho da árvore e este caiu sobre a plateia. Mulheres gritavam, crianças choravam e Severino sentiu que sua reeleição à presidência da AMAPa estava irremediavelmente perdida. E naquele dia Julinho encerrou sua carreira de boxer.

 26/0798 (Vilaça)

 []s Vilaça